

Yoko Ono, quase uma gueixa moderna

Artista plástica chega a Brasília com a bagagem cheia de instalações, textos poéticos e trabalhos interativos

Danielle Romani
de Brasília

“Bom dia, sou Yoko Ono!”.

A apresentação era totalmente dispensável, pois mesmo aqueles que não viveram os loucos anos 60 e 70 conhecem bem as peripécias de uma das personalidades artísticas mais polêmicas das últimas décadas: a mulher, música e artista plástica Yoko Ono.

Mas foi assim, com simplicidade, que ela optou por se mostrar, ontem pela manhã, para uma conversa sobre a exposição *Árvores do Desejo Para o Brasil*, que será inaugurada hoje, no Teatro Nacional. Yoko - que foi aguardada durante cinco minutos, por um público em absoluto silêncio - chegou destilando apenas o lado *yin* da sua personalidade: jeito manso, voz meiga, estilo *clean* e uma aparência jovem, apesar dos 65 anos. Frágil, quase uma gueixa moderna.

A mansidão aparente é o lado oriental que Yoko - nascida em Tóquio - carrega. Mas que ninguém se engane com essa mulher que, na verdade, pode ser comparada a um samurai. Todos os presentes, rapidamente, perceberiam sua força, a partir de um simples comentário sobre o que seria sua exposição, e o seu papel como uma das líderes do movimento Fluxus, criado no final da década de 50.

“Eu quero tocar o coração de cada um, não quero tocar a mente de ninguém. Eu não sou teórica, eu sou uma artista. Eu já era uma artista antes do Fluxus começar e continuarei

depois que o tenham esquecido. Acho que só posso ser eu mesma. Não quero que nenhum movimento venha me dizer o que fazer”. Yoko também disse estar feliz por se encontrar em Brasília, cidade que desejava muito conhecer, após ver as fotos e o desenho da planta, em forma de avião. “Considero a indicação de Brasília como uma benção. Foi muito importante poder respirar o ar da cidade, respirar o céu, ver sua paisagem, que parece ser de outro planeta”, contou a artista, lembrando que por intermédio de fotos é difícil imaginar a beleza de Brasília. “Até se chegar aqui é impossível saber como é”.

Ela também admitiu conhecer pouco do mundo artístico brasileiro. “Tenho um conceito do país como todo mundo tem. Tenho que aprender muito, principalmente sobre os artistas brasileiros”, confessou Yoko, que ressaltou a iden-



“Eu quero tocar o coração de cada um, não quero tocar a mente de ninguém. Eu não sou teórica, eu sou uma artista”

tidade entre sua propostas e as linhas modernistas dos prédios brasilienses. “Depois que vi as fotos desses prédios tão bonitos, comecei a receber inspiração, alguns dos trabalhos foram feitos exclusivamente para o Brasil”, contou.

Quem for conferir a exposição, vai ver instalações dos anos 60 (do movimento Fluxus, em novas versões) e atuais. Em algumas, ela usa materiais que lembram o artesanato e a cultura brasileira. *Árvores do Desejo Para o Brasil (Wish Trees For Brasil)* foi produzida exclusivamente para a mostra brasileira e traz oito instalações e seis conjuntos de obras, divididas em série. A mostra ocupará todo o Teatro Nacional e o Panteão da Pátria. No mezanino do Teatro Nacional será exibida, ainda, a instalação *En-Trance* (entrada ou em transe), que é a porta da exposição, terminando no *Ex-It* (saída), no Panteão da Pátria.

A continuação dessa trilha é outra obra de grande porte: Evento da Sala Azul, criada em 1966 e recriada em 1990. Nela, há textos poéticos. No foyer da Sala Villalobos haverá, ainda, uma obra interativa: *Pintura Para Martelar Um Pregão Dentro*, criada em 1966. Foi diante dessa obra de Yoko - e intrigado pelo seu simbolismo - que John Lennon a conheceu em 1966. Yoko a dedica “a todos os mártires da história da Terra”.

Durante a visita a Brasília, Yoko deveria, ainda, participar de um evento que foi adiado: ela faria a instalação de 60 ipês



Evandro Matheus

Frente a frente com o secretário de Cultura, Hamilton Pereira, Yoko joga seu xadrez da paz, todo branco plantados de forma concêntrica, cercados por dois espelhos d'água, que seria montada no Parque Internacional de Esculturas, como parte do Projeto Orla. “Vim de tão longe, porque era muito importante construir esse jardim. Agora, eu soube que não é para já. Mas, através da vida eu sempre tive que aprender a ter paciência”.

Sobrevivente

A conversa com Yoko foi precedida por um apelo feito pelo secretário da Cultura, Hamilton Pereira, que patrocinou a vinda da artista à cidade: ele pediu aos presentes que evitassem perguntas associadas ao ex-Beatles John Lennon, assassinado por um fã, em 1980. Lennon, como todos sabem, foi marido de Yoko por mais de duas décadas. “Ela foi

artista antes, durante e depois da vida com ele”, disse Hamilton.

O cuidado com Yoko Ono era compreensível, mas dispensável. Ela mesma - sem que ninguém a tivesse perguntado - abriu seu coração e sem citar o nome de John e a dor pela sua morte, contou como é ser uma sobrevivente.

“Eu quero que vocês se divirtam. Que sintam a diversão que é a vida. O destino pode nos matar, e isto já aconteceu tantas vezes. Mas o destino não pode matar nossos espíritos”, disse Yoko. As recordações sobre John vieram de outras formas, espontaneamente, por meio de comentários sobre o filho Sean Lennon, que também é músico:

“Recentemente, meu filho (Sean) ficou muito interessado na música brasileira. O primeiro álbum dele tem uma influência forte da Bossa Nova. Muitos críti-

cos de rock que o vêem como herdeiro do rock 'n' roll, dizem: puxa vida, mas por que a Bossa Nova? A grande verdade é que meu filho, assim como o pai dele, está mais interessado em horizontes novos. Não tem medo de sair de casa, de fazer uma coisa que não seja esperada pelos críticos”, disse.

Sobre a sua própria importância no rock - chegou a compor diversos discos - foi enfática: “Por ser oriental, estabeleci uma ponte entre o jazz, rock e música clássica. Não tanto porque eu fosse mais inteligente, mais pelo fato de ser uma japonesa. Foi o destino, foi o destino que me fez transformar em ponte”.

No Teatro Nacional Cláudio Santoro, Setor Cultural Norte, inauguração hoje somente para convidados. Visitação de terça a domingo das 15 às 21h. Informações: 325-6217.